

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

### **AS CONCEPÇÕES DO GÊNERO HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NAS PRODUÇÕES ESCRITAS DE CRIANÇAS ALFABETIZANDAS**

*Luciane Manera Magalhães(UFJF)*

*Juliana Clara Pinton (UFJF)*

[juclarajf@hotmail.com](mailto:juclarajf@hotmail.com)

*Maria Diomara da Silva (UFJF)*

#### **INTRODUÇÃO**

A leitura e a escrita são práticas cotidianas indispensáveis para que o ser humano possa interagir com o outro, bem como atuar e se inserir em um ambiente, seja ele formal ou mesmo informal. O convívio familiar com os diversos gêneros textuais diferencia-se nos variados grupos sociais. Há crianças que têm a oportunidade de experimentar as mais diversas leituras e seus respectivos gêneros desde a mais tenra idade. Outras, geralmente as de classes populares, só terão este contato mais intenso com a diversidade de gêneros ao ingressarem na vida escolar. Defendemos, assim, a necessidade de propiciar a estas crianças, de escola pública, a convivência sistemática com variados materiais escritos, desde as classes de alfabetização. Crianças alfabetizadas ao construir hipóteses sobre a leitura e a escrita podem ser capacitadas, simultaneamente, a apreender a constituição e, conseqüentemente, os usos sociais de determinados gêneros.

Com o objetivo de se conhecer as concepções das crianças acerca do gênero História em Quadrinhos (doravante HQs), mais especificamente a tirinha de final das revistas de HQs infantis, desenvolveu-se um trabalho de produção escrita com alunos de três turmas do 2º ano do ensino fundamental, de uma escola pública. Paralelo a esta atividade tinha-se o desafio de promover nestas crianças o desejo pela leitura atrelado à necessidade de se aprender a ler e escrever.

Este trabalho tem como objetivo discutir as concepções concernentes ao gênero HQs a partir da diversidade de representações apresentadas pelas crianças alfabetizadas. Com base na análise realizada, pôde-se constatar que ao produzir um texto de um gênero não muito familiar, a criança, inteligentemente, busca em seu conhecimento prévio informações que possam auxiliá-la a cumprir a tarefa

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

escolar da melhor maneira possível. Foi observado que estas crianças têm grande familiaridade com o texto narrativo em geral, a saber, as histórias infantis, as quais muitas vezes servem de referência para a produção de uma tirinha.

Foi possível também constatar que apesar de as crianças não demonstrarem através das mesmas um contato intenso e conhecimento acerca das HQs, elas utilizam alguns recursos comuns à estrutura composicional do referido gênero. Com base nas diferentes concepções apresentadas por meio da atividade mencionada, tem-se embasamento para a elaboração de práticas de intervenção. Desta forma, possibilita-se que o dia a dia escolar cumpra com sua tarefa de oferecer aos alunos alfabetizando instrumentos básicos para participar de uma sociedade letrada e, sobretudo, o incentivo ao hábito da leitura como um afazer prazeroso.

Em um primeiro momento, é descrito o contexto no qual foi desenvolvida a produção, demonstrando a intenção e justificativa da escolha do gênero HQs; em seguida, é apresentada a análise com base nas ocorrências das produções. Por fim, discutem-se a importância da participação dos gêneros nesta fase escolar e algumas alternativas para a sua utilização no auxílio da alfabetização inicial.

### ***1. Um gênero dinâmico permeado de humor: as histórias em quadrinhos***

Consoante indicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997), os gêneros textuais devem estar presentes no dia a dia escolar. Estes são determinados historicamente. As intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, geram usos sociais que determinam os gêneros que darão forma aos textos. Assim, é incoerente a existência de uma dicotomia entre o que se ensina na escola e o que se usa na sociedade.

A utilização das HQs como recurso didático nas aulas de língua portuguesa fundamenta-se na tentativa de sanar a existência de uma “discrepância entre o que a escola oferece e o que os alunos buscam”, segundo Mendonça (2002). Constata-se presente na escola uma cultura própria que muitas vezes se distancia das estratégias de comunicação presentes no contexto social. Tal fato é um dos precur-

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

sores do desinteresse e do não envolvimento dos alunos em práticas escolares.

Propiciar a convivência sistemática com os variados gêneros textuais, que circulam nas diversas práticas sociais, é o ponto de partida para subsidiar a condição de se enfrentar diferentes situações que requeiram tanto o exercício da leitura, quanto da escrita por parte do aluno.

Na tentativa de diversificar o repertório de gêneros textuais utilizados em práticas pedagógicas, buscou-se algo que, de forma didática, chamasse a atenção dos alunos proporcionando-lhes acesso à leitura e escrita, a fim de aguçar-lhes a sensibilidade para a realização de tais ações. Nesta perspectiva, foi selecionado o gênero HQs, o qual é reconhecido pelo seu dinamismo e suas múltiplas características que envolvem as crianças nas divertidas histórias.

### ***2. A estrutura composicional da HQS***

Criadas há mais de 110 anos, as HQs tornaram-se um “fenômeno cultural de massa” (COSTA, 2008). São de fácil reconhecimento devido à sua composição gráfica: quadrinhos, balões, desenhos, mas como destaca Mendonça (2002), no que concerne ao funcionamento discursivo, revela-se um gênero complexo assim como qualquer outro.

As HQs são constituídas predominantemente pelo sistema narrativo, mas não exclusivamente, observa-se a presença de outras sequências textuais como a argumentativa, injuntiva, expositiva (MENDONÇA, 2002) e a descritiva, sobretudo nas legendas. Há uma interação constante entre a linguagem verbal (sejam as falas das personagens, as legendas com as descrições do narrador onisciente ou as onomatopeias) e a linguagem visual (os desenhos e figuras). No caso das tirinhas, entretanto, nem sempre esta interação é observada, pois existem aquelas as quais se poderia definir de histórias ‘mudas’ ou ‘icônicas’, ou seja, não há diálogo entre personagens, nem presença de onomatopeias, nem mesmo indicações de lugares ou objetos (como em alguns casos tem-se indicado o nome do local de onde a personagem entra ou sai, por exemplo: BARBEARIA); a sequência de fatos é inferida apenas por meio das imagens.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

Diferentes elementos distinguem o gênero HQs de outros. Observa-se uma predominância da linguagem visual, por meio das vinhetas, legendas (contorno), balões, rabichos, metáforas visuais e figuras cinéticas. As *vinhetas* podem ser consideradas a moldura de cada cena, a qual aparece em formato quadrado ou retangular. As *legendas* aparecem, frequentemente, em forma retangular, no alto da vinheta, e têm a função de delimitar o texto que representa a ‘voz’ do narrador. Os *balões* delimitam a fala das personagens e podem figurar em diversos formatos, cada um representando situações enunciativas diferentes, como raiva, conversa ao telefone, etc. Acompanhando os balões constata-se a presença do *rabicho*, o qual é uma pequena prolongação do balão dirigida ao locutor. Sua forma pode variar, apresentando-se, também, como pequenos círculos, no caso dos balões que representam o pensamento da personagem. As *metáforas visuais* são ilustrações que figuram, geralmente, ao lado das personagens com o objetivo de reforçar o conteúdo verbal, como, por exemplo, vários coraçõezinhos que indicam que a personagem está apaixonada, ou estrelas que indicam dor. Por fim, as *figuras cinéticas* que representam o movimento dos objetos, como, por exemplo, várias fumacinhas/nuvenzinhas atrás dos pés da personagem para dar a ideia de velocidade.

Considere-se, ainda, a presença de uma linguagem verbal que se mistura com a visual, no caso das *onomatopeias*. Estas têm o objetivo de representar ou imitar tanto os sons produzidos por animais, quanto por objetos, por meio de caracteres alfabéticos (VERGUEIRO, 2007). Aparecem fora dos balões e legendas, pois sua configuração gráfica auxilia no efeito que se quer obter.

A linguagem visual é, assim, um elemento essencial nas histórias em quadrinhos. Os desenhos são fundamentais na constituição de uma HQs, e são eles um dos responsáveis por este gênero possuir grande aceitação e ter o poder de conquistar crianças e adultos com suas manifestações de humor e, também, pela atribuição de um caráter ímpar a qualquer simples narrativa.

Sabe-se que as HQs consistem em um gênero textual bastante comum em relação a sua circulação e acesso na sociedade. Considerando que o mesmo também possui características favoráveis ao interesse dos alunos, como já mencionado, buscou-se inserir, através de

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04***

um trabalho realizado em uma escola pública, os quadrinhos no cotidiano escolar dos sujeitos envolvidos. Corroborando com Vergueiro (2007, p.21), acreditamos que:

A forte identificação dos estudantes com os ícones da cultura de massa – entre os quais se destacam vários personagens dos quadrinhos –, é também um elemento que reforça a utilização das histórias em quadrinhos no processo didático.

Assim, é cabível considerar os quadrinhos um material textual rico para a aprendizagem, a aquisição de intimidade e gosto pela leitura e escrita. Seus variados chamativos como seu humor impregnado em frases ditas pelos personagens, contidas nos balões, a linguagem visual marcante dentre outros aspectos, têm o poder de conquistar novos leitores e escritores alicerçando o início de uma caminhada pelo vasto universo dos gêneros textuais.

### ***3. O contexto***

A presente pesquisa está inserida no Projeto de Extensão: *Alfabetização e Letramento nas séries iniciais*, que é desenvolvido em uma Escola do Ensino Fundamental da rede pública de Juiz de Fora (MG). São desenvolvidas, semanalmente, pelas bolsistas, atividades que possam propiciar o aprendizado da leitura e da escrita por crianças em fase de alfabetização (2º ano). Tem-se sempre a preocupação em se planejar atividades que saiam da rotina escolar tradicional, para que o gosto pela leitura e escrita seja despertado nos alunos.

Dentre as diversas atividades desenvolvidas durante o ano letivo, elaborou-se uma sequência didática com as HQs, pois se acreditava que por ser considerado um gênero de massa seria do convívio familiar dos alunos.

Para a primeira atividade, foram levados para a sala de aula alguns exemplares de HQs da Turma da Mônica, de autoria de Maurício de Souza, e distribuídos às crianças para que os explorassem com a finalidade de estabelecer familiaridade com aquele gênero. Diferentes tirinhas da Turma da Mônica, reproduzidas em transparências coloridas, foram apresentadas, lidas e discutidas com as crianças. Após este trabalho, foi entregue a elas uma folha com três quadrinhos em branco, na vertical, no modelo de uma tirinha de HQs,

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

para que produzissem uma história com base no conhecimento que possuíam até o momento. Esta atividade tinha como objetivo conhecer as concepções das crianças acerca do gênero em questão, qual seja tirinhas de HQs. Tal escolha justifica-se pela característica sintética da tirinha, facilitando, assim, uma produção inicial das crianças.

De um repertório de 70 produções, foram selecionadas 44 de três turmas do 2º ano. O primeiro critério de escolha dos textos foi pautado na presença de traços da estrutura composicional do gênero HQs, nas produções das crianças. Ao analisar as tirinhas, entretanto, chamou-nos a atenção o uso de recursos que, a primeira vista, não são comuns à estrutura composicional do gênero, o que nos levou a selecionar este tipo de produção também. Assim, discute-se a partir dos dados, a seguir, o acréscimo de particularidades pertencentes a outros gêneros que foram utilizados para a construção da HQs e as características próprias do gênero que aparecem nas produções feitas pelas crianças.

### ***4. O que as crianças entendem por histórias em quadrinhos***

Neste item, descrevemos as concepções das crianças acerca das HQs via produções escritas. Conforme já anunciado, a análise foi fundamentada (i) nas “transgressões” ao gênero HQs explicitadas nas produções escritas e (ii) nas características que compõem o gênero HQs expressas pelas crianças em suas produções. Sobre este aspecto torna-se possível constituir um parecer sobre o que elas entendem por uma HQs e, conseqüentemente, sua familiaridade com as mesmas. Para tanto, a estrutura geral apresentada e suas minúcias como o uso de balões, a caracterização de personagens e a linguagem visual e verbal foram fatores determinantes para formulações conclusivas acerca do trabalho realizado.

### ***5. A linguagem verbal***

A linguagem verbal característica do gênero HQs é comumente utilizada em três situações: (i) nos balões, representando a fala das personagens; (ii) nas legendas, representando a voz do nar-

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04***

rador e (iii) no interior das vinhetas, geralmente através da inclusão das onomatopeias.

Ao analisar o corpus constituído, entretanto, chamou-nos a atenção o uso dos quadrinhos feito por Patrícia<sup>24</sup>, a qual partiu do seu conhecimento prévio com o texto escrito, que não é a HQs, mas as histórias infantis, para produzir sua escrita. Estas histórias, geralmente, não são delimitadas espacialmente por quadros (vinhetas) como se fazem nas HQs. Mas o que se constatou foi o uso dos quadrinhos oferecidos como limites para uma produção exclusivamente verbal, para que se reproduza, por exemplo, nos três quadrinhos em sequência, um conto tradicional, subvertendo o que se esperaria de uma HQs. Mesmo com a estrutura inicial dada, três quadrinhos em branco, a criança exime-se da linguagem visual em sua produção, talvez por não conviver com o gênero em questão em sua vida cotidiana:

---

<sup>24</sup> Visando resguardar a identidade dos alunos, todos os nomes são fictícios.

A CHAPEUSINHO VERMELHO  
ERA UM VEZ UMA MENINA CAMADA  
CHAPEUSINHO VERMELHO

A MÃE DELA FALOU PARA ELA  
VISITAR A VOZINHA DELA  
MÃE DELA DIZIA ELA  
ELA NÃO IR PELA FLORESTA  
MAS ELA DESOBEDECEU  
E FOI PELA FLORESTA E ELA SE

ENCONTROU COM O LOBO LOBO  
FALOU QUE COÇA-LEVA  
NESTA SEXTA MENINA EU  
LEVO MEL PARA OS PASARINHOS  
E PARA A MINHA VOZ PORQUE  
EU TAMBEM TO indo VISITAR  
A VOZ JA SEI VOCE VAI  
PELA FLORESTA EU VOI PELO  
O CAMINHO O LOBO CHEGOU  
PRIMEIRO E IMITOU A VOZ DA

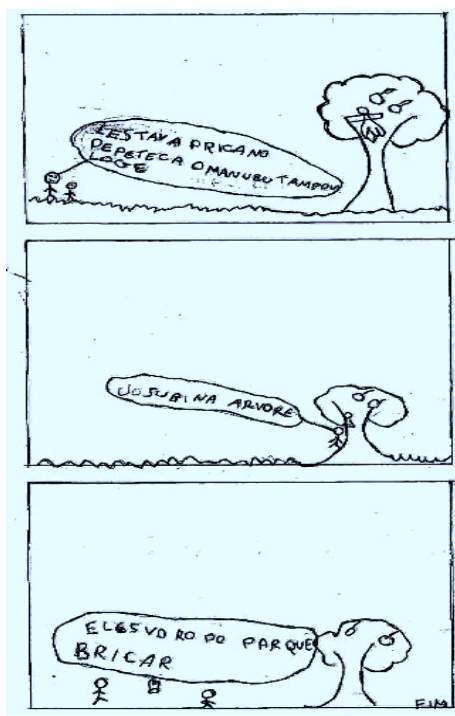
MENINA ELE COMEU ELA  
COLOCOU A ROPA DA VOZ  
A CHAPEU CHEGOU TO VOZINHA  
ENTRE VO PORQUE O Lobo  
TAO GRANDES E OVIDOS GRANDES  
E BOCA GRANDES E PRATA  
COMEA SOCORRO  
CASADO ENTÃO NA CASA  
E CORTOU A BARRIGA DO  
LOBO E O LOBO MORREU  
E FOI AC FELIZES PARA  
SEMPRE



## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

### **6. Interação entre linguagem visual e verbal**

Conforme já afirmado, a HQs tem uma característica predominante de interação entre linguagem visual e verbal, com poucas exceções. É interessante destacar, entretanto, o processo de construção realizado por Paulo, ao compor sua tirinha. Ele já sabe que em uma tirinha aparece um cenário de fundo com figuras de personagens, conhece uma das marcas principais deste gênero que é a presença de balõeszinho com seus respectivos rabichos para indicar o locutor (leia-se linguagem visual). É conhecedor também de que a HQs pode representar a voz de um narrador onisciente (leia-se linguagem verbal). Na verdade, o narrador descreve fatos que dificilmente seriam inferidos pelo leitor e esta descrição tem um lugar específico a ser alocado: a legenda. A produção de Paulo, a ser analisada a seguir, aponta para a sua preocupação em descrever o que deveria ser inferido pelo leitor:



## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04***

A tirinha apresentada nos revela aquilo que este aluno já construiu acerca do gênero e o que ainda está por constituir. Observa-se que ele utiliza os baldezinhos com a função de legenda, uma vez que no interior de cada um deles, o que aparece é a voz do narrador. Há uma preocupação em descrever ações que poderiam ser facilmente inferidas pelo leitor desde que as ilustrações fossem permeadas por figuras cinéticas, marcando, por exemplo, a trajetória percorrida pela peteca entre a mão do Manuel e a copa da árvore (primeiro quadrinho).

No segundo quadrinho, o baldezinho é utilizado para dar uma informação que também deveria ser inferida pelo leitor que tenha intimidade com o gênero. Sabe-se que cada

vinheta constitui a representação, por meio de uma imagem fixa, de um instante específico ou de uma sequência interligada de instantes, que são essenciais para a compreensão de uma determinada ação ou conhecimento. (VERGUEIRO, 2007).

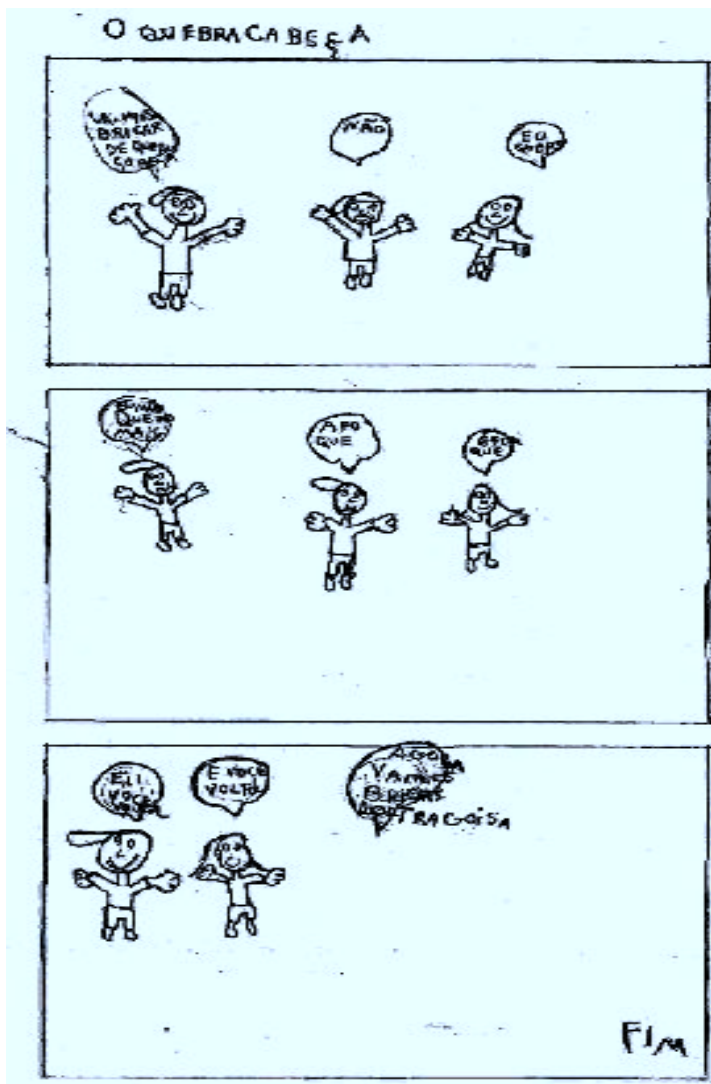
Ao ver a personagem (Manuel) no tronco da árvore, caberia ao leitor inferir que ele subiu nela para pegar a peteca, mas o que se vê é a descrição de sua ação no interior do balde: “ele subiu na árvore”. Observe-se, entretanto, que o responsável por esta fala é o próprio Manuel, pois ele é a única personagem que aparece neste quadrinho e há um rabicho que dirige o balde a sua boca. No terceiro quadrinho, o balde aparece novamente com a função de legenda, mas desta vez não há rabicho indicando o locutor.

Ao analisar a linguagem verbal presente na primeira vinheta, pode-se destacar, ainda, que Paulo conta com a colaboração do leitor na compreensão de que ao mesmo tempo em que o narrador é observador (“eles estavam brincando de peteca”), ele assume também o papel de narrador personagem, pois há apenas duas personagens na imagem, e o balde está ligado a uma delas por um rabicho. Embora utilize o pronome pessoal na terceira pessoa ao invés da primeira no plural, pode-se deduzir que uma delas é o narrador personagem, pois está incluído no episódio.

A produção de Ana, a seguir, indica-nos que ela parece já ter construído a ideia de que os baldes são um recurso para delimitar espacialmente a fala das personagens e não do narrador. Ela inclui o diálogo entre as personagens e insere os rabichos respectivos a cada

**Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

locutor, com exceção da última vinheta na qual a terceira personagem não foi desenhada:



## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

Ao observar os detalhes da produção de Ana, constata-se que a aluna inclui um título (“O quebra cabeça”), incomum nas tirinhas de Maurício de Souza, mas imprescindível nas HQs escritas por ele ou qualquer outro autor. O que se utiliza nas tirinhas para nomear a história é, geralmente, o nome da personagem principal.

Ressalte-se, ainda, que como nunca se tinha trabalhado com HQs nesta turma, Ana ainda não se deu conta de que é preciso planejar primeiro as falas das personagens, depois escrevê-las, para finalmente contorná-las com o balãozinho. O que se observa na segunda e terceira vinheta é a marca de vários contornos que foram apagados para que a linguagem verbal tivesse espaço. Por fim, na terceira vinheta, percebe-se que mesmo com a ampliação dos traçados a escrita ainda extrapola o balão.

Este dado reafirma a diferença das habilidades de leitura e escrita. Mesmo que Ana tenha uma convivência com HQs em casa ou na escola, somente a leitura não é suficiente para que se dê conta de detalhes como o discutido. Nossa preocupação não é a de formar escritores de HQs, mas acreditamos que o trabalho sistemático tanto de leitura quanto de produção textual pode vir a auxiliar o aluno na melhor compreensão da articulação do texto e suas idiossincrasias.

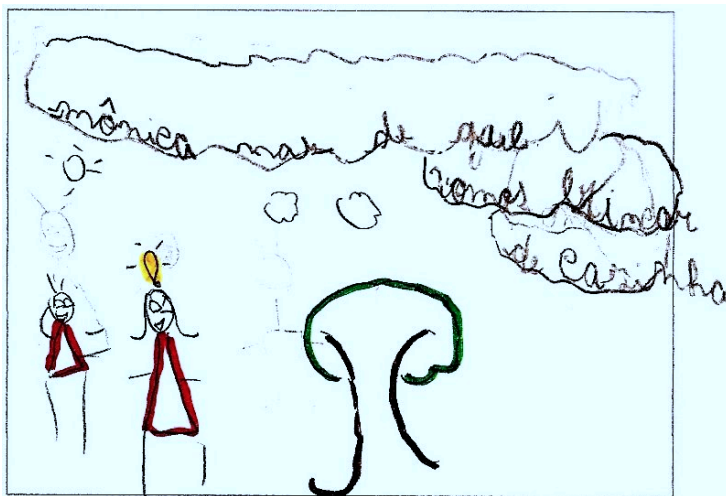
### ***7. Metáfora visual***

Conforme já indicado, a linguagem visual (icônica) consiste numa característica fundamental das HQs e das tirinhas, uma vez que é através de sua articulação com a linguagem verbal que compõe o caráter particular dos referidos gêneros. Portanto, a utilização de desenhos com o objetivo de representar acontecimentos destaca-se nas produções. Entretanto, dois usos refinados da linguagem visual, nestes gêneros, seriam o das metáforas visuais e das figuras cinéticas.

As metáforas visuais, conforme já dito, atuam no sentido de “expressar ideias e sentimentos, reforçando, muitas vezes, o conteúdo verbal /.../ possibilitam um rápido entendimento da ideia” (VERGUEIRO, 2007). Por um lado, as metáforas visuais permitem ao autor “economizar” suas palavras e desenhos, por outro, contribuem com a agilidade da leitura.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

De todas as produções analisadas, apenas uma menina faz uso deste recurso:



A vinheta apresentada é a segunda da sequência da tirinha, ela dá continuidade à pergunta feita pela Mônica, no primeiro quadrinho: “Magali, vamos brincar?”. Observe-se que, neste segundo quadrinho, os balões se misturam e não há indicação dos interlocutores. Como não há rabicho nos balões, nem pontuação no final da frase, fica difícil decidir quem é a “dona” da fala do balão intermediário, o que não prejudica, em hipótese alguma, a compreensão do diálogo travado entre elas. Sabendo-se que Magali e Mônica estão conversando, um bom leitor consegue depreender quem pronunciou cada fala, Magali teria respondido: “Mônica, mas de que vamos brincar?”, neste ínterim Mônica tem uma ideia: “de casinha”. Ou teríamos a fala de Magali: “Mônica, mas de que?” e a da Mônica: “vamos brincar de casinha”.

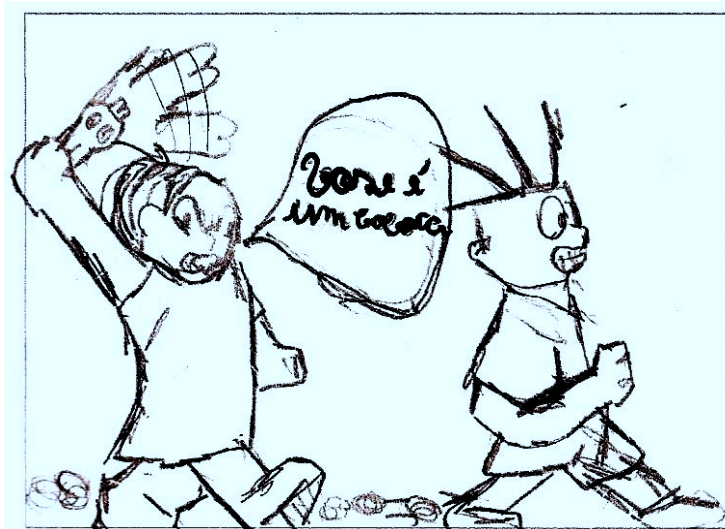
Observe-se que ao utilizar a metáfora visual da lâmpada sobre a cabeça da Mônica, a aluna isenta-se de incluir uma legenda explicando que a personagem tivera uma ideia. Este seria o princípio da parcimônia, não obstante a economia de palavras, o leitor compreende, instantaneamente, que a Mônica teve uma ideia sobre qual brincadeira.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

O segundo uso refinado da linguagem visual a que nos referimos é o recurso das figuras cinéticas, do qual tratamos no item a seguir.

### **8. Figuras cinéticas**

As imagens das HQs e das tirinhas são sempre fixas, mas diferenciam-se de uma fotografia por meio do uso das figuras cinéticas, as quais "... permitem ao leitor apreender a velocidade relativa de distintos objetos ou corpos" (VERGUEIRO, 2007). Assim como a metáfora visual, o uso das figuras cinéticas é exceção nas produções dos alunos. De todo o corpus analisado, duas ocorrências foram constatadas. Uma em que o aluno desenha três sorvetes, um ao lado do outro, entre as mãos do Cebolinha e da Magali, sugerindo que ao bater um relógio no sorvete que estava na mão do Cebolinha, ele teria se deslocado em direção à Magali (explicação dada pelo aluno ao ser interrogado sobre o que seria aquele desenho). Outra ocorrência foi na produção de Leandro, a seguir:



Note-se que além das expressões faciais da Mônica (de raiva) e do Cebolinha (de medo), o aluno ressalta o movimento do coelho-

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04***

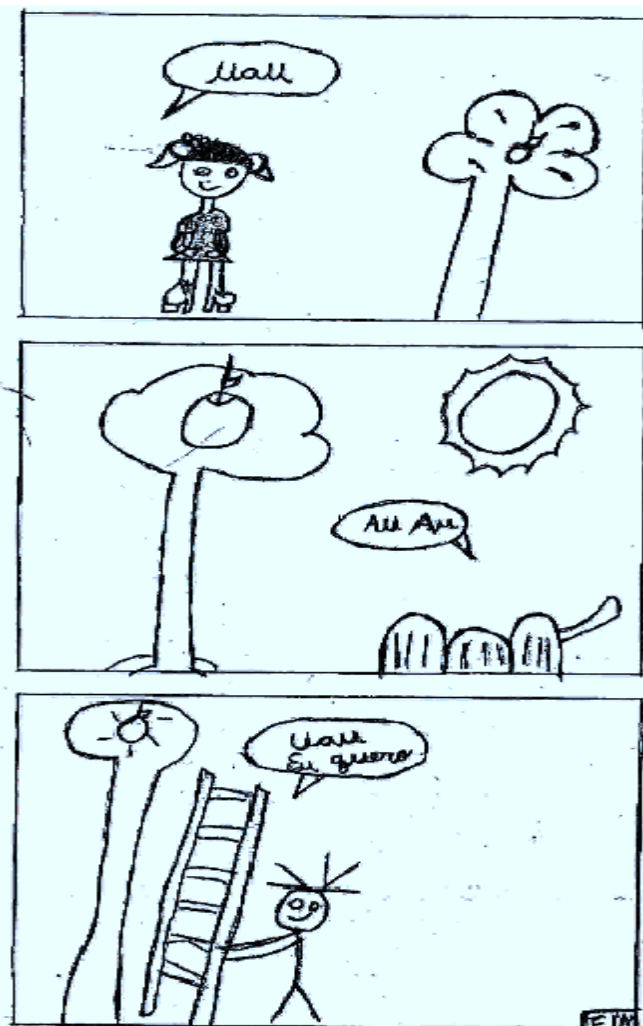
nho Sansão duplicando suas patas e marcando-as com semicurvas, as quais indicam o ir e vir do coelho que certamente será atirado em Cebolinha. Leandro aponta, ainda, por meio de pequenas fumacinhas/nuvenzinhas, atrás dos pés das duas personagens, que ambas não estão estáticas, ao contrário, Cebolinha está correndo da Mônica e ela o persegue também velozmente.

Finalmente, ressalte-se o estilo do desenho deste aluno, o qual nos mobiliza para a qualidade dos traços característicos das tirinhas feitas por adultos. Leandro ainda apresenta problemas em sua ortografia, os quais precisam ser trabalhados sistematicamente, mas já conhece muito bem a estrutura composicional de uma tirinha e os aspectos que lhe são peculiares.

Estes dois últimos recursos advindos do campo da linguagem visual ultrapassam as noções básicas de ilustração compreendidas por alunos em fase de alfabetização (2º ano). São estratégias pensadas, portanto intencionais, que demonstram a preocupação com a interpretação do leitor relativa à tirinha produzida.

### ***9. Onomatopeias***

A onomatopeia, de todos os recursos apresentados e discutidos parece ser o menos familiar das crianças, pois de todas as produções analisadas, apenas uma criança faz uso da onomatopeia em sua tirinha. Ainda assim questionamos este uso, pois ela o faz utilizando-se de um balãozinho para contorná-la, como pode-se observar na segunda vinheta a seguir:



O balãozinho, conforme já dito anteriormente, é utilizado para emoldurar a fala das personagens, não as onomatopeias. Estaria ela apenas indicando a “fala” do cachorro? O que nos leva a crer que Fabiana a está utilizando apenas como mais uma fala de uma personagem justifica-se no contexto geral da tirinha. Note-se que na pri-



## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

meira vinheta tem-se uma menina ao lado de uma árvore com uma fruta, a qual se expressa por meio da interjeição ‘uau’. Na segunda, aparece um cachorro, semelhante ao Floquinho, da Turma da Mônica, também ao lado de uma árvore com uma fruta, o qual se expressa: ‘au au’. Por fim, no terceiro quadrinho, observa-se outra personagem, semelhante ao Cebolinha (devido ao seu cabelo peculiar) ao lado da mesma árvore, porém com uma escada em suas mãos, o qual afirma: ‘uau, eu quero’. Assim como as crianças estão expressando sua admiração em relação à fruta desejada, o cachorrinho também estaria. Considerando-se, entretanto, que Maurício de Souza costuma utilizar algumas onomatopeias em balões, sobretudo aquelas provenientes dos animais, como “GRRR...”, para representar o rosnar de um cão, é lícito crer que Fabiana possa estar seguindo o modelo.

Em resumo, pode-se dizer que estas crianças ainda têm um bom caminho a percorrer na construção de seus conhecimentos. A escola contribuirá à medida que propiciar a reflexão aos alunos acerca de suas produções, dando-lhes oportunidades de compartilharem suas concepções com a turma e de construírem, junto à professora, *listas de constatações*, no sentido utilizado por Schneuwly & Dolz (2004), que ampliem e sistematizem seus conhecimentos, servindo de orientação para suas futuras produções.

### ***10. Considerações finais***

Considerando-se os dados analisados, a escola pode-se portar como principal agente disseminador de cultura escrita. Para tanto, é necessário que a mesma ofereça a seus alunos um grande contingente de gêneros. Mas é importante que não somente os apresente aos alunos, mas realizem um trabalho sistemático no que tange ao conhecimento pelos alunos de sua estrutura composicional bem como seu uso e função social.

Nessa perspectiva, o trabalho em questão traz uma abordagem acerca das histórias em quadrinhos, por estas se destacarem como um gênero textual carregado de atrativos relativos à leitura, tal fato se comprova na articulação da linguagem visual e verbal que se faz marcante e tentador para que as crianças possam ultrapassar obstácu-

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04***

los advindos da decifração do código escrito, ou seja, tais artefatos podem ser grandes facilitadores no ato de ler.

As produções das crianças envolvidas no trabalho demonstraram determinada familiaridade com o gênero, mas esta não é suficiente para que as mesmas possam, com autonomia, desenvolver uma tirinha original, constituída de características próprias deste gênero textual. Inserir as divertidas histórias em quadrinhos no cotidiano escolar é o ponto de partida para que haja uma prática habitual de contato com variadas formas de textos.

### REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa*. Brasília, 1997.
- COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel & BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- SCHNEUWLY, Bernard & DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária. In: RAMA, Angela & VERGUEIRO, Waldomiro. (Orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2007.